

# Intercâmbio Luso-Brasileiro

III

## O problema mercantil

**V**IVER é permutar. A permuta está na base das relações humanas e é o fulcro em torno do qual gira sempre a nossa actividade. Permuta individual, permuta colectiva, troca constante, iniciada no âmago dos primeiros clans e que, intensificando-se, veio a moldar as sociedades, não pouco contribuindo para as diferenciar—a vida manifesta-se pela osmose incessante, que vai do simples metabolismo celular e orgânico, ao comércio entre indivíduos e ao intercâmbio entre nações. As próprias trocas afectivas são condicionadas pelas leis de ferro do necessário e do útil, leis que têm aqui o mesmo valor fenomenal das ordinárias determinantes cósmicas, aparentes na física, em química, em todo o relacionismo universal.

O factor utilitário é, pois, pródromo elementar na vida de relação entre povos. Portugal e Brasil não escapam a esta grande lei geral. Deverá ser, conseqüentemente, sobre esse alicerce que esperemos todo o edificio do nosso intercâmbio, muito embora disponhamos, para consolidar a obra, de poderosos botâreus: a tradição, a identidade de lingua, a relativa afinidade étnica, a semelhança de costumes e o concurso, a toda a hora presente, da numerosa colónia portuguesa que ao país do Cruzeiro dá suor e sangue, e onde trabalha e esculpe e renderia sem tréguas, serenamente, o zimbório altaneiro dessa estupenda catedral.

//

Em comércio, é preciso resolver bem, e de-préssa, porque tudo é contingente. Os interesses actuais, transformam-se rapidamente. O que ora é aconselhável, pode tornar-se inexequível no decurso de poucos meses, mesmo semanas. Mas acordos e convênios são, por seu turno, renováveis e passíveis de modificação. A situações diversas correspondem novos arranjos. Pelo que nada obstará, nem favoritismos pautais, nem clausulas beneficiárias, nem tratados prestes a denuncia, a que novas negociações integrem os dois países no único caminho a que aspira o seu interesse recíproco.

O arranjo que se pretende, implica com terceiros? Teremos, para isso, de canalizar diversamente algumas das nossas produções continentais e ultramarinas? Precisaremos de alterar ou de sofrer alterações no burlesco regime de contingente, tanto em uso?...

Tudo isso pouco importa, desde que um interesse mais alto se alevanta.

Vejámos o próprio Brasil. Há anos, todo o esteio da exportação brasileira consistia na borracha. Mas a Amazônia foi desbancada pela Malásia. A técnica venceu a rotina, o estudo e o método suplantaram as condições naturais—e o Brasil viu diluir-se como fumo esse manancial de riqueza nativa, para cujo fomento bastavam a cupidez do aventureiro e a resistência do homem estoico do nordeste.

Desanimaram os brasileiros? Não. Fizeram do café a sua principal razão de ser—e o café, nas suas mãos, quasi se tornou em monopólio. Ainda hoje é a principal fonte de ri-

queza nacional. Mas o cafézeiro é uma planta-prodígio que se adapta maravilhosamente, por de sob os trópicos, e mesmo aiém. E, apesar do esforço gigantesco que representa a criação da **Bolsa do Café**, complexa engrenagem que durante muito tempo condicionou toda a vida brasileira ás suas flutuações, apesar da propaganda tenaz, visando o crescente consumo e a preferência do europeu pelo produto sul-americano, facto é que, se o plantio do café aumenta por toda a parte e as safras contribuem dia a dia para mais completa repleção de «stocks»—reconhece-se no Brasil a necessidade de reduzir as respectivas áreas cultivadas ao estritamente indispensáveis á procura; e, longe de se cair em desânimo, vai-se buscar a outros sectores a soma de recursos que se pretende, entrando na concorrência internacional com todos os produtos em que o solo perduláramente se desmancha.

Isto posto, e apenas para que se não diga que há factores poderosos que contendem com a aproximação e com o intercâmbio a que se visa—pois não há dificuldades que se não removam—demonstrado que a situações novas correspondem novos arranjos, recordaremos apenas algumas das modalidades que nos parecem mais a ponto de iniciarem essa feliz actividade de negócios. Pondo de parte números, que não estão na indole destes reparos e demandariam largo espaço, tal a cópia de cifras, nem sempre concordantes, dimanada das diversas repartições de estatística, limitar-nos-emos a apontar a viabilidade que, a nosso humilde parecer, se proporciona á larga expansão de alguns produtos.

//

Os nossos principais drenadores consistem em vinho, conservas e cortiça, de que somos produtores em grande. O Brasil foi excelente mercado para os dois primeiros. Mas a produção viti-vinicola é lá longe considerável, sobretudo nos estados do sul—Rio Grande e São Paulo—e no de Minas Gerais, onde, em 1935, o Governo Federal se propunha intervir, regulamentando produções, distribuições e transporte, mediante a criação de organismos próprios. Nada nos indica, actualmente, que no Brasil se obtenham castas adequadas ao fabrico de vinhos de classe, dos tipos licorosos. Mas, como vinho de mesa, diremos com verdade que o tipo vulgarizado de vinho regional do sul—conhecido em todos os estados por «vinho Rio Grande»—é de características suaves, brandas, adequadas ao paladar das populações europeias vivendo em climas quentes, e serve ordinariamente nos repastos em substituição dos vinhos leves, que, de resto, a Europa só muito precariamente lá conseguiu fazer chegar em bom estado. Aproxima-se, á parte certo aroma de almiscarado mais intenso, do nosso americano. E', em todo o caso, prata da casa, acessível no preço, e está destinado, tal como o australiano nos mercados ingleses, a ter larguissimo consumo. Acresce que outros tipos de vinho de mesa, em tudo semelhantes aos europeus, estão sendo pro-

duzidos com relativa proficiência. E, como não falta torrão apropriado, é de crer que, neste particular, pouco possamos exportar. Ficam, contudo, os licorosos, que continuarão intangíveis, como santos nos respectivos nichos, se boa propaganda e zelosa fiscalização impedirem a competição sobrepticia e a fraude. Continuaremos vendendo um pouco.

Quanto ás conservas, salvo no tocante a doces e compotas e frutas cristalizadas—que nesse capitulo em matéria de exportação não poderemos ir muito além do nada que percorremos—o mercado brasileiro, como aliás, qualquer outro, sul-americano, estar-nos-á aberto de par em par, se á excelência do que produzirmos juntarmos aquela probidade de processos que grangeiam confiança e lavantam o crédito. E conviria estudar atentamente os prós e os contras do emprego do óleo nas conservas destinadas á exportação; talvez a criação de duas grandes classes—uma, em que as carnes, peixes e mariscos fossem acondicionados em azeite puro e do mais fino—outra, em que se permitira a percentagem habitual de óleo de amendoim, e bem poderia ser o tipo normal, actualmente em voga—contribuisse para a revalorização e estímulo deste importante ramo exportador. Há ainda certos pontos a cuidar, sobretudo no preparo de peixes com espinha; esta deve sair amolecida da cocção e do preparo—mas seria optimo que isso se conseguisse sem desprimór do paladar...

Quanto á cortiça, de que nós, a Espanha e a Argélia somos, a bem-dizer, os únicos produtores de consistência, estamos na convicção de que o Brasil passará, em anos próximos, a constituir um dos nossos melhores fregueses, mesmo sem intervenção de tratados de comércio ou outros instrumentos condicionadores.

Mas nós dispomos de enormes reservas para exportação e de que, não só o Brasil, como outros países sul-americanos poderão aproveitar-se. Uma das nossas grandes riquezas, enorme quando devidamente explorada, consiste no granito, tão abundante no norte do país e hoje tão procurado por todos os que pretendem obra definitiva que a usura torne barata. Empregado com successo nos Estados- Unidos, em Cuba e na Inglaterra, principalmente em meios-fios e paralelepípedos, exporta-o a Escandinávia perfeitamente talhado, em blocos facetados e polidos, tirados directamente á pedreira com serra de diamantes. Nós temo-lo—e do melhor. Simplesmente, não cuidamos da sua extracção progressiva, nem nos demos ainda á taumaturgia de o transformarmos em ouro. O Brasil, o Brasil dos trópicos e dos grandes cais, está a precisar, não tarda nada, do nosso granito azul—isto apesar de alguns bsaltos que possui e das rochas minerais que superabundam, impróprias, contudo, para as applicações que se têm em vista.

Ao lado dos granitos figuram os nossos mármore e os calcáreos alvenis. Tudo isso o Brasil poderá comprar, apesar da distancia e dos óbices de transporte. O palácio dos